

## FUNDAMENTOS DA PRÁTICA LACANIANA: RISCO E CORPO



# FUNDAMENTOS DA PRÁTICA LACANIANA: RISCO E CORPO

Angelina Harari





Pretendemos mostrar como a impotência em sustentar autenticamente uma práxis reduz-se, como é comum na história dos homens, ao exercício de um poder.

**Jacques Lacan**

© Relicário Edições

© Angelina Harari

CIP –Brasil Catalogação-na-Fonte | Sindicato Nacional dos Editores de Livro, RJ

H254f

Harari, Angelina

Fundamentos da prática lacaniana: risco e corpo / Angelina Harari. - Belo Horizonte, MG : Relicário, 2018

108 p. (Coleção BIP – Biblioteca do Instituto de Psicanálise)

Inclui notas

ISBN: 978-85-66786-81-1

1. Psicanálise. 2. Lacan. 3. Clínica. I. Título

CDD 150.195

CDU 159.964.2

COLEÇÃO BIP – BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE PSICANÁLISE

DIREÇÃO Ana Lydia Santiago

CONSELHO EDITORIAL

António Beneti

Elisa Alvarenga

Francisco Paes Barreto

Sérgio Laia

COORDENAÇÃO EDITORIAL Máira Nassif Passos

CAPA Ana C. Bahia

DIAGRAMAÇÃO Caroline Gischewski

REVISÃO Lucas Moraes

RELICÁRIO EDIÇÕES

[www.relicarioedicoes.com](http://www.relicarioedicoes.com)

[contato@relicarioedicoes.com](mailto:contato@relicarioedicoes.com)

## SUMÁRIO

**Apresentação 9**

**Introdução 15**

**I. A PRÁTICA LACANIANA 21**

Princípios da Prática Lacaniana 21

“Do Inconsciente ao Real” 27

Psicanálise versus Psicoterapia 32

Psicanálise Pura, psicanálise aplicada e psicoterapia 35

Psicanálise aplicada à terapêutica 43

A Prática da Supervisão 45

A Teoria da Prática 53

**II. IMPASSES DA CIVILIZAÇÃO DO RISCO 57**

Modo contemporâneo de gestão da sociedade 57

O homem mediano 58

O ‘risco zero’ do homem sem qualidades 61

Figura contemporânea do cinismo 62

O risco e a aposta de Pascal 64

Gozo, corpo e a pulsão 72

Corpo como substância gozante 74

O objeto a natural 75

“O Homem tem um corpo” 77

**III. O PARCEIRO-SINTOMA: PARADIGMA DOS NOVOS SINTOMAS 79**

Os novos sintomas 79

As patologias contemporâneas 81

Psicanálise Aplicada à Clínica das Toxicomanias 84

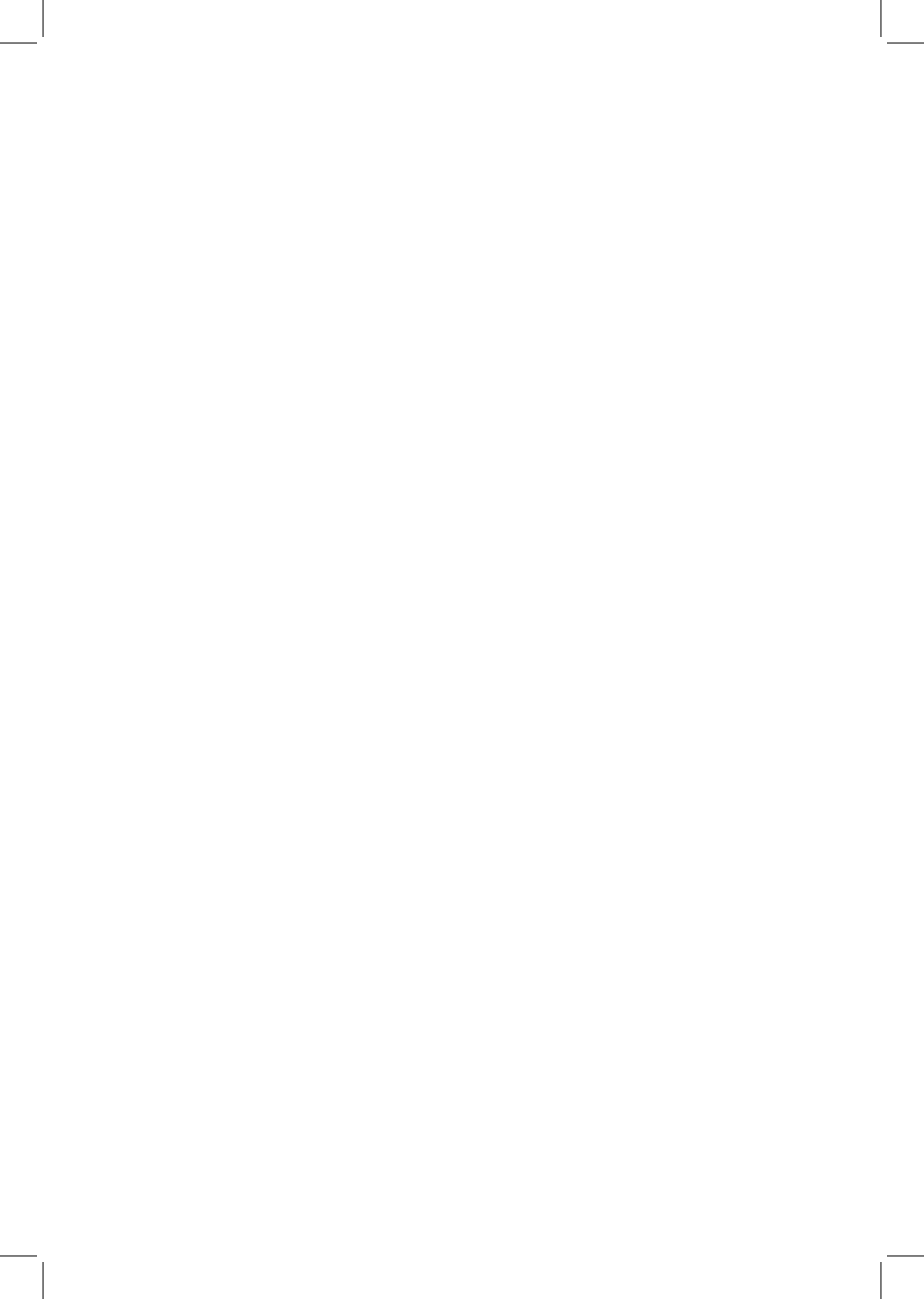
Juventude e dependência química nas instituições 86

Construção do Caso Clínico e os Novos Sintomas 91

“O homem vivo, o homem em carne e osso” 93

**Considerações finais 95**

**Referências 99**





## APRESENTAÇÃO

Angelina Harari

O tema da psicanálise aplicada impõe-se na prática lacaniana na medida em que aquilo que define a psicanálise é o tratamento que se espera de um psicanalista (Lacan *in* Variantes do tratamento-padrão, p. 331). Sendo assim, é o final da análise que define se houve ou não um tratamento psicanalítico. Nessa perspectiva, todos os momentos prévios ao final da experiência se aplicam na psicanálise aplicada. A própria prática conjuga-se como aplicada até a passagem do psicanalisando a psicanalista.

A elaboração presente neste livro, surgiu do desejo de extrair da experiência os conceitos e fundamentos que norteiam uma prática. O trabalho foi realizado no âmbito de uma formação universitária realizada na Universidade de São Paulo. O contexto, porém, foi a necessidade de retirar os psicanalistas de uma certa prática contemplativa restrita aos consultórios e, para tal, isolei as noções de “risco” e de “corpo” que se despontaram como uma medida para não perder de vista o indivíduo em sua singularidade, condição muito cara à psicanálise. Em definitivo, a ideia foi a de fazer valer a prática exercida fora dos consultórios, ou seja, *stricto sensu* falando, exercida entre quatro paredes, no que concerne à relação analista-analisando.

O praticante da psicanálise se vê confrontado a temas cada vez mais estrangeiros ao campo da individualidade e, diante disso, precisa ancorar-se nos fundamentos, não para se resguardar, mas para buscar nos próprios fundamentos razão para responder aos sintomas contemporâneos. Caso contrário, não é difícil abrigar-se em padrões convenicionados por um coletivo de pares.

Após dez anos da escrita desta tese, e à guisa de apresentação deste livro, considero importante esse movimento de envolver risco e corpo para pensar a psicanálise na esfera virtual que a Internet introduziu.

Longe de nos refugiarmos por trás do encontro de duas presenças, sem, no entanto, fazermos apologia de um modelo de prática, a proposta é a de tentar se deixar ensinar por cada experiência, colocando a céu aberto as soluções singulares encontradas.

Eis uma forma de responder às críticas feitas a nosso apego em referências de Freud e de Lacan, que são anteriores ao advento da Internet, mostrando que tanto a descoberta do inconsciente quanto a reação de Lacan à essa descoberta, isto é, o real, que, por sua vez, levou Lacan a tornar a busca do real, em jogo na experiência analítica, um sintoma, uma vez que essa descoberta faz furo no discurso universal (JAM *in* O ultimíssimo ensino de Lacan, aula 15-11-2006).

Conforme explicitado nesta tese, ora livro, a prática lacaniana não opera com os *standards* e, portanto, não toma consultório e divã como garantias da presença do discurso analítico *stricto sensu* lacaniano. O ensino de Lacan na orientação lacaniana permite extrair princípios psicanalíticos das mais variadas aplicações, pois é o particular condicionando a experiência.

Em 2017, foi a vez de recomeçar para elevar a um nível superior a política na psicanálise. Jacques-Alain Miller incita o coletivo dos psicanalistas a se engajarem na esfera pública, usando o contexto da eleição na França, assumindo um passo. Mas não de forma pessoal e partidária. Assinalada ficou a diferença do engajamento a título pessoal, como cidadão, em um partido político de sua escolha, e levar a política à psicanálise, movendo-se por meio de seu coletivo, no caso a École de la Cause freudienne.

## **A internet na contemporaneidade – incidências na prática analítica**

Na clínica, certos fenômenos nos chegam por uma prevalência do culto às imagens com o incremento da mostraçãõ, seu fascínio em detrimento do significante (Brousse, 19/08/2017), pois, de fato, a palavra está cada vez mais subordinada à imagem, provocando sua deterioração (Llosa, 2012, p. 93).

Considerando o erotismo como último bastião contra a tendência a sermos consumidos pelas imagens que, na vida amorosa, levam à violação da intimidade e, conseqüentemente, ao desaparecimento da liberdade individual (Llosa, 2012, p. 93), coloco a questão de como escapar a essa impregnação do imagético sem deixar de estar à altura de sua época. Se o erotismo pode ser um bastião, é inegável a incidência da internet nesse cenário, com a oferta de aplicativos de encontro, ou a mostraçãõ da intimidade nas redes sociais, submetendo cada vez mais os indivíduos a uma lógica coletiva das imagens que promulgam o ideal para todos.

Marcar as diferenças entre o erotismo e a pornografia hoje, conforme apontou J.-A. Miller na sua conferência sobre o tema do Congresso da AMP/2016, permite remontar a algo que Lacan destacou nos anos de 1950, quando contestou a pretensa relação de objeto, na qual se introduz a função da falta de objeto. Referido em Freud nos “Três Ensaios sobre a teoria da sexualidade”, ele propõe: o objeto fundamental é a mãe, e perde-se. Dessa maneira, demonstra que a relação de objeto é sempre um reencontro falho (Miller, 1997, p. 460); uma prévia do aforismo “A relação sexual não existe” e da teoria do *partenaire*-sintoma. A noção de castração está diretamente vinculada a essa falta fundamental que nenhum objeto pode tampar e é o que orienta o ensino de Lacan e o leva a inventar o objeto *a*.

Fazer valer o nada, na esfera do amor, se dá pela realização da falta na função de véu, que faz existir o que não existe. O véu vela o nada e tem afinidades com o desejo, uma vez que este se vincula à falta. Como o amor aponta para além do objeto, para o nada, o véu tem sempre uma relação com ele. Amor e perversão caminham juntos, diz Lacan no *Seminário 4*:

O véu, a cortina diante de alguma coisa, ainda é o que melhor permite ilustrar a situação fundamental do amor. Pode-se mesmo dizer que com a presença da cortina, aquilo que está mais além, como falta, tende a se realizar como imagem (...). É nisto mesmo que o homem encarna, idolatra seu sentimento deste nada que está para além do objeto do amor. (Lacan, 1955 [1956-57], p. 157)

A função do véu e sua relação com o amor marca a falta fundamental e o bom uso dela como um pilar do ensino de Lacan, inclusive em suas formulações rumo ao real, abrindo um para-além do significante, a partir de sua defasagem com relação ao significado, na vertente do objeto.

O fio condutor que vai da falta de objeto ao objeto *a* nos leva ao lugar de corte do qual ele emerge. Lacan ilustra essa cessão constitutiva com exemplos como o cordão umbilical, o grito do lactente, ou ainda o prepúcio na circuncisão. Esta, exemplo de prática cultural, mostra que o objeto *a* emerge desse corte, produzindo uma desnaturalização e uma topologia de furo. Na contemporaneidade, vemos que o que faz oposição à primazia das imagens sobre as palavras é o erotismo, que exige

certas formalidades culturais que preservem a natureza privada e íntima do sexo, de maneira que a vida sexual não se banalize nem animalize. Com seus rituais, fantasias, vocação à clandestinidade, amor aos formalismos e à teatralidade, nasce, como um produto da alta civilização, um fenômeno inconcebível nas sociedades ou nos povos primitivos e rudes, pois se trata de uma atividade que exige sensibilidade refinada, cultura literária e artística e certa vocação transgressora. (Llosa, 2012, p. 93)

A cultura da imagem, superficial e efêmera, rouba nossa intimidade, toma o lugar do espírito crítico e nos transforma em seres consumidos, sem liberdade de escolha. A pornografia, por sua vez, definida como um “dar a ver sem véu”, sem barreiras, daria a ilusão de existência aos corpos, o que, segundo Lacan, seria fomentar a ilusão ao fazer existir o que não existe. Diante disso, proponho discutir alguns aspectos cruciais da situação de atendimento envolvendo sessões virtuais em um determinado contexto.

### **Incidência na prática psicanalítica: consultas-virtuais**

A internet foi se introduzindo na prática lacaniana, em forma de consultas-virtuais, à medida que a circulação de corpos passou a validar a

aposta nos laços à distância, para sessões de análise e para supervisão, uma vez que a transferência, neste caso, pode ter diferentes origens. Inicialmente, surgiram demandas de pessoas deslocadas de seus ambientes rotineiros, diante de uma regularidade interrompida por motivo de ausências pontuais, mesmo na prática analítica sem padrões anteriormente definidos, como é o caso da orientação lacaniana.

As consultas-virtuais alternavam períodos de experiência *in absentia*, *in effigie*, com períodos presenciais, algo que Lacan, no seu retorno a Freud, afirmava não ser possível. Nesse sentido, as consultas-virtuais pareceriam ir na contramão do conselho freudiano reafirmado por Lacan. Contudo, a alternância permite um uso da internet sob transferência: um uso que prioriza a transferência, pois podem haver transferências que geram um encontro tão forte entre analista e analisante, que se torna difícil trocar de analista, mesmo que mudando de cidade. Exatamente porque consideramos não haver clínica sem transferência, as demandas que chegam são acolhidas e, a partir delas, podem surgir demandas de pessoas que nos propõem a prática exclusiva de consultas-virtuais.

Falarei de uma demanda dessas, suscitada por uma identificação histórica. A amiga de uma analisante demanda uma análise que ocorreria apenas por Skype. Inicialmente, reluto, assinalando todas as dificuldades, mas a demanda é quase imperativa: ela insiste muito, mostra que fala português, apesar de ser estrangeira. Fica claro algo que aparece no cotidiano de um consultório: quer ser recebida como a amiga, que havia frequentado meu consultório antes de passar um ano no exterior para cursar parte de seu doutorado.

Se a amiga pode ser acolhida por Skype, então ela demanda para si a mesma suposição de saber. Identificada ao sofrimento da colega, supõe ser possível passar por um tratamento igual. A experiência dura 6 meses e, ao final, uma saída condizente com os princípios da prática lacaniana: um esboço de implicação subjetiva, um início de alienação em sua própria história. Diz ter chegado à conclusão de que precisa buscar um analista em sua cidade.

Foi uma experiência apenas, não sendo possível generalizar o uso. Mesmo com as consultas-virtuais, o caso a caso prevalece. Não deixa de ser um caso único, pautado numa transferência por identificação histórica. É a transferência que torna o caso singular.

Acolher importa, mas respeitar a transferência é imprescindível para que se possa afirmar o caráter psicanalítico da experiência.